

# Ainda é tempo de salvar Brasília

Carlos Chagas

Diagnóstico de rara densidade acaba de ser feito sobre Brasília por quem, mais que a ter governado alguns meses, nela se integrou faz muitos anos. O conselheiro Ronaldo Costa Couto, do Tribunal de Contas do Distrito Federal, no preâmbulo do relatório sobre as contas do governador Joaquim Roriz, começa acentuando que, nascida como capital da esperança, e às vezes pejorativamente chamada de ilha da fantasia, a capital do País não é uma coisa nem outra, porém dura realidade imersa no subdesenvolvimento e na pobreza. Porque, projetada para ter 500 mil habitantes no ano 2000, Brasília se aproxima, velozmente dos dois milhões.

Para o antigo ministro do Interior e ex-chefe do Gabinete Civil, esse insólito e pernicioso superdinamismo populacional demanda serviços e equipamentos urbanos incomensuravelmente superiores às possibilidades do Distrito Federal. A periferia da cidade se vai transformando em gigantesco formigueiro humano onde o que mais cresce não é a renda interna, estagnada ou em declínio, mas a pobreza, o desemprego, a violência. Caem a renda per capita e a qualidade de vida. Pioram os indicadores econômicos e sociais. Fecha-se um cinturão de miséria.

Lembra o conselheiro que no Rio foram necessários 380 anos para alcançar os dois milhões de habitantes. Em São Paulo, 395 anos, sendo que, juntas, as duas cidades respondem por mais de 30 por cento do Produto Interno Bruto. Brasília não alcança dois por cento.

A ressalva é feita: vêm sendo desenvolvidos grandes esforços, mas não é fácil governar Brasília porque:

1- "(...) quanto mais se investe no núcleo metropolitano, inclusive para fazer face a problemas sociais crescentes, mais atraente ele se torna em relação às áreas de imigração";



2- "quanto maior e mais pobre a periferia, mais forte a pressão sobre os já saturados equipamentos urbanos — estrangulam-se e se deterioram os serviços básicos, como os de saúde, educação, segurança pública, transporte e saneamento";

3- "o problema demográfico de Brasília só terá solução eficaz se melhorarem as condições relativas de vida nas regiões expulsoras de população";

4- "a receita própria do Distrito Federal responde por menos de um terço do total, isto é, a tão celebrada autonomia inexistente no campo financeiro e, sem as transferências da União, Brasília simplesmente não funcionaria";

5- "centenas de milhares de famílias imigrantes demandam à cidade tendo como único capital a ilusão e a esperança, pois constituem multidões de pobres oriundos das áreas mais sofridas do País";

Para Costa Couto, a falsa imagem de Brasília como Eldorado exprime opção para os que nada têm a perder, até porque já perderam tudo, ou nada tinham, tornando-se urgente desmistificar essa miragem. A curto prazo inexistem perspectivas de um desenvolvimento realmente sólido e de boa envergadura para o setor privado, sendo que o futuro de Brasília, assim, dependerá muito do que acontecer além de suas fronteiras. Dependerá, fundamentalmente, do reencontro do Brasil com o desenvolvimento de uma política nacional capaz de viabili-

zar solução para os graves desníveis regionais e urbanos do País. Redistribuição de renda sem inviabilização do setor produtivo pode ser a saída, como também a prática de política adequada de uso do solo urbano e rural. E mais o planejamento familiar.

Internamente, ele diz, muito pode ser feito. Eleger rigorosas prioridades de gasto, sob a óptica do interesse social, alavancar recursos federais, assegurar confiável matriz de fundos para usos definidos em planejamento democrático, reconhecer legalmente a região metropolitana de Brasília e concentrar vasto esforço na educação.

É política a conclusão, que vem junto com a aprovação das contas do governador Roriz, e não deixa de elogiar os esforços do governo local. O conselheiro enfatiza ter Brasília realizado o seu velho sonho de eleger diretamente o governador e os representantes na Câmara Legislativa. Desde o início do ano que a capital ficou mais forte e livre, ainda que a análise das contas de 1990 confirme a realidade da carência e do subdesenvolvimento. Porque as receitas são insuficientes, os desafios mais complexos e a geração de empregos não se mostra expressiva. Essa situação tem que ser redefinida. É preciso salvar Brasília, enquanto possível, e o antídoto à ameaça que ronda a cidade, ele repete, será a melhor distribuição da renda nacional, o desenvolvimento das regiões de emigração, a motivação e confiança do setor privado, o planejamento responsável, a educação, a desmistificação da imagem, a rigorosa observância de boa legislação de uso do solo, a canalização de recursos federais confiáveis para projetos essenciais inadiáveis e, é claro, boa gestão das contas públicas. Não há otimismo nem pessimismo no diagnóstico, mas realismo: "Ainda é tempo de salvar Brasília".

■ Carlos Chagas é jornalista e professor da Universidade de Brasília